

Estudo comparativo da variação do /S/ em posição de coda silábica nos atlas linguísticos estaduais da Região Norte

Comparative study of variation of /S/ in syllable code position in the state linguistic atlas of North Region

Abdelhak Razky*

Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Pará (UFPA)

Diego Coimbra dos Santos**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: Este estudo trata da comparação da variação do /S/ em coda silábica interna no *corpus* do ALiRO em relação aos demais atlas linguísticos publicados da Região Norte do Brasil. O trabalho segue a orientação teórico-metodológica da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), da Geossociolinguística (RAZKY, 1998; 2004; 2010), da

* Possui graduação em Língua e Literatura Inglesa - Université Hassan II Casablanca (1986), mestrado em Linguística - Université de Toulouse Le-Mirail (1988), doutorado em Linguística - Université de Toulouse Le-Mirail, França (1992). Realizou estágio pós-doutoral (Capes) na Universidade de Toulouse Le-Mirail em 2003 e na Universidade de Paris 13 em 2018. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Pará (UFPA), em exercício no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB) e Pesquisador PQ 1D do CNPq. Atua como professor permanente nos Programas de Pós-Graduação da UFPA (PPGL-UFPA) e da UnB (PPGL-UnB). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em geografia linguística, Sociolinguística, dialetoлогия, léxico e terminologia/socioterminologia, ensino aprendizagem de línguas estrangeiras e políticas linguísticas. Atua principalmente nos seguintes temas: geossociolinguística, léxico, terminologia e socioterminologia e contato de línguas. É diretor científico do projeto Atlas Linguístico do Brasil e líder do grupo de pesquisa Geossociolinguística e socioterminologia (<http://geolinterm.com.br>). E-mail: arazky@gmail.com

** Graduado no curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Docente externo pela Universidade Federal do Pará - Campus Universitário Tocantins/Cametá. Atua como Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado "Forma Pará" pela Secretária de Ciência, Tecnologia e Educação Profissional e Tecnológica (SECTET) e como docente nas turmas de ensino superior do referido projeto. Possui experiência na área de Linguística, com ênfase em Fonética e Fonologia, Morfossintaxe, Sociolinguística, Dialetoлогия e Geografia Linguística. Integra atualmente o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Suzana Cardos, e o projeto de pesquisa Geo-sociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm), coordenado pelo Prof. Dr. Abdelhak Razky e vice-coordenado pela Prof.^a Dr.^a Marilucia Oliveira. Pesquisador da área de variação lexical e fonética, seguindo os pressupostos teórico-metodológico da Geossociolinguística e atuando, principalmente, com o tratamento estatístico de dados linguísticos. Atualmente realiza pesquisas de cunho fonético e fonológico para o Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO), o qual está sob direção da Prof.^a Dr.^a Iara Maria Teles. E-mail: diegocoimbrast@gmail.com

Sociolinguística Quantitativa (GUY; ZILLER, 2007) e da noção de agrupamento fonético (RAZKY; TELLES, COIMBRA, 2019). Compararam-se dados de 62 colaboradores distribuídos entre os 16 pontos de inquérito que compõem a rede de pontos do ALiRO com os dados publicados dos demais atlas linguísticos nortistas, quais sejam: ALAM, ALiSPA, ALAP e ALiTTETO. Foram investigadas quatro realizações de /S/ em coda silábica interna: fricativa alveolar [s], fricativa pós-alveolar [ʃ], fricativa glotal [h] e apagamento fonético [ø]. A comparação dos dados demonstrou que /S/ em coda silábica interna constitui uma configuração diatópica complexa que permite traçar um contínuo dialetal progressivo na Região Norte.

Palavras-chave: /S/ em coda silábica. Agrupamentos fonéticos. Geossociolinguística. ALiRO. Região Norte.

Abstract: This paper deals with the comparison of the variation of /S/ in internal syllable coda in ALiRO's *corpus* in relation to other linguistic atlases published in the Northern Region of Brazil. The work follows the theoretical-methodological orientation of Pluridimensional and Relational Dialectology (RADTKE; THUN, 1996), Geosociolinguistics (RAZKY, 1998; 2004; 2010), Quantitative Sociolinguistics (GUY; ZILLER, 2007) and the notion of phonetic grouping (RAZKY; TELLES, COIMBRA, 2019). It was compared data from 62 collaborators distributed among the 16 network points that compose ALiRO's network with published data from other northern linguistic atlases, namely: ALAM, ALiSPA, ALAP and ALiTTETO. Four realizations of /S/ in internal syllable coda were investigated: alveolar fricative [s], post-alveolar fricative [ʃ], glottal fricative [h] and phonetic deletion [ø]. The comparison of the data showed that /S/ in internal syllable coda constitutes a complex diatopic configuration that allows to trace a progressive dialectal continuum in the North Region.

Keywords: /S/ in syllable coda. Phonetic grouping. Geossociolinguistic. ALiRO. Northern Region.

Introdução

Este estudo visa descrever o comportamento do /S/ em coda silábica interna em posição pretônica a partir do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO, centrando sua análise na distribuição geográfica, comparando seus resultados com os resultados do aspecto fonético-fonológico em análise com os demais atlas

linguísticos estaduais da Região Norte do Brasil, quais sejam: Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA), Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) e Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO). Buscou-se, ainda, realizar uma macroanálise do aspecto fonético-fonológico em escopo – não levando em consideração o efeito dos fatores fonológicos internos –, a fim de priorizar a descrição do contínuo variacional do /S/ em coda silábica. O principal objetivo é a apresentação de cartas linguísticas acompanhadas de uma análise geossocial integrada ao conceito de agrupamento fonético (RAZKY; TELLES; COIMBRA, 2019). As frequências obtidas para cada uma das variantes encontradas são dispostas em cartas fonéticas e, posteriormente, são comparadas com as frequências globais dos referidos atlas linguísticos.

Diante disso, analisou-se a variação de /S/ em posição de coda silábica interna seguindo as orientações metodológicas da Geossociolinguística (RAZKY, 1998; 2004; 2010), buscando documentar os aspectos fonéticos característicos do português falado no estado de Rondônia. A proposta de análise é inédita pelo fato de ser o primeiro trabalho a comparar os dados do ALiRO com os demais atlas linguísticos publicados da Região Norte. Ademais, este estudo fornece resultados acerca do /S/ em posição de coda silábica interna no português falado no estado de Rondônia, contribuindo para ampliação do conhecimento acerca dessa temática do ponto de vista espacial.

Por fim, para melhor situar o trabalho, procurou-se, ainda, apresentar, brevemente, os rumos da Dialetoлогия moderna, o impacto da perspectiva pluridimensional e/ou geossociolinguística sobre os estudos dialetais, além da seleção de uma literatura pertinente sobre o /S/ em posição de coda silábica interna no português falado na região Norte do Brasil.

1 O estado de arte da literatura em escopo

1.1 Horizontes recentes da Dialetoлогия

A Dialetoлогия se constitui como área da Linguística que visa estudar a variação linguística do ponto de vista areal, isto é, a distribuição de variantes de uma variável em um ou mais micro ou macro espaços geográficos. A distribuição da variação linguística

dentro do espaço geográfico em análise tem sido foco da Dialetologia desde seu primórdio, no entanto, atualmente, após a ascensão da Sociolinguística, questionamentos sobre a inserção das variáveis diastráticas no controle dos fatores que podem influenciar a variação linguística têm sido tópico recente dos dialetólogos, tendo em vista que um quadro variacionista precisa de um determinado espaço geográfico é produto principal da Dialetologia.

Desde o final da metade do século XIX, a Dialetologia vem sofrendo processo de ascensão seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista metodológico. Com a sistematização feita por Gilliéron e Edmont no *Atlas Linguistique de la France – ALF*, a Dialetologia tomou forma no que diz respeito a uma metodologia de pesquisa rígida que, enquanto ciência, a Dialetologia necessitava. Após a publicação do ALF, outros estudos de caráter dialetal foram sendo publicados em outros países, como é o caso do *Linguistic Atlas of New England – LANE*, os quais buscavam mapear a variação linguística em um mesmo espaço geográfico a fim de estabelecer um quadro variacionista da área em análise acerca da fonética e fonologia local, bem como de aspectos morfossintático e semântico-lexicais.

Embora, durante muito tempo, a Dialetologia de orientação unicamente horizontal tenha se dedicado a descrever um dialeto em uma determinada região com base em uma metodologia que privilegiava somente o fator diatópico – sem, desse modo, ter controle sobre as estratificações dos informantes –, muitos trabalhos, ao longo da história da Geografia Linguística, demonstraram aspectos inovadores quanto à metodologia. Na América do Norte, Hans Kurath (1939) elaborou o *Linguistic Atlas New of England (LANE)*, o qual levou em consideração não somente a dimensão diatópica, mas também aspectos socioculturais de seus informantes, tendo em vista que foram selecionados de acordo com escolaridade e faixa etária. Acerca disso, Cardoso (2001) afirma:

Se com Wenker e no atlas da Alemanha se consagra a relevância da intercomparabilidade de dados e com o atlas de Gilliéron se assenta a importância da inquirição *in loco*, ao passo etnolinguístico dado por Jud e Jaberg no atlas ítalo-suíço se pode acrescentar outro avanço significativo trazido por Hans Kurath: a escolha de informantes que não apenas representassem os pontos constituintes da rede de localidades definida por região a partir de uma única faixa etária ou de um estrato social também

único, mas que trouxessem também um aporte sociocultural e etário (CARDOSO, 2001, p. 114).

Desse modo, “a partir dos anos 60, os estudos geolinguísticos tomaram uma nova orientação, pois passaram a inserir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística, agregando, à variável diatópica, variáveis sociais” (ROMANO, 2014, p. 145). Essa nova tendência dos estudos geolinguísticos de se trabalhar com a variação linguística passa a constituir a Dialetoologia Pludimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996), a qual propõe uma análise geográfica das variáveis idade, sexo, escolaridade, renda, profissão etc., correlacionando-as com o espaço geográfico em que os informantes habitam, apresentando seus resultados em cartas estratificadas (THUN, 2000). Desse modo, compreende-se que a Dialetoologia e a Sociolinguística são duas subáreas da Linguística que não se opõem, ao contrário, completam-se. Callou (2010, p. 33) afirma que a Dialetoologia, preocupada somente com o espaço rural, “sofreu adaptações para dar conta da análise linguística nos grandes centros urbanos”, o que a levou a ser confundida, por muitos estudiosos da linguagem, com a Sociolinguística. No entanto, Campoy (1993), ressalta que:

“Depois da Segunda Guerra Mundial observaram que limitando os estudos dialetais a áreas rurais estavam ignorando a fala da imensa maioria da população, isto é, a fala das grandes áreas urbanas, que não poderiam ser investigadas aplicando os métodos da dialetologia tradicional rural. Desse modo, a Dialetoologia Urbana apareceu combinando uma função tanto linguística como social e uma dimensão sincrônica”¹. (CAMPOY, 1993, p. 162) (tradução nossa)

No Brasil, a elaboração do Projeto ALiB refletiu no que Mota e Cardoso (2006) denominaram de *quarta fase dos estudos dialetais*. O Projeto ALiB constituiu uma metodologia rígida de recolha de dados, a qual exerceu influência sobre grande parte dos estudos dialetais que o sucederam. A metodologia do ALiB, que foi aplicado em diferentes projetos de atlas linguísticos, permite que sejam elaborados estudos

¹ Después de la Segunda Guerra Mundial observaron que limitando los estudios a áreas rurales estaban ignorando el habla de la inmensa mayoría de la población, esto es, el habla de las grandes áreas urbanas, que no podían ser investigadas aplicando los métodos de la tradicional dialectología rural. De este modo, lá Dialectología Urbana apareció combinando una función tanto lingüística como social y una dimensión sincrónica.

comparativos entre esses atlas, a fim de se estabelecer características próprias dos falares de diferentes espaços geográficos, evidenciando, quanto aos aspectos linguísticos, em que se aproximam ou se distinguem um do outro.

A partir dessa nova acepção da Dialetologia brasileira, a elaboração de isoglossas vem mostrando suas limitações devido às grandes mudanças societais no Brasil que culminaram em grandes movimentos populacionais, uma grande concorrência no setor de transporte público e transporte aéreo, além da descentralização de oportunidades de trabalho e empreendimento. Essa nova dinâmica migratória e mobilidade de recursos humanos provocaram mudanças importantes no âmbito da competência variacional dos falantes, pois influenciaram no desenvolvimento de uma competência bidialetal e pluridialetal dos falantes da primeira geração dos imigrantes, a qual influenciou sobre a competência dialetal das gerações subsequentes. O resultado disso é a presença de uma significativa variabilidade linguística em um mesmo espaço geográfico em termos de agrupamentos dialetais (RAZKY, 2010).

Havia, portanto, uma competência geolinguística local e uma competência sociolinguística com estratificações geográficas e sociais homogêneas que permitiam traçar isoglossas significativas para a Dialetologia tradicional. Com a dinamicidade dos movimentos populacionais, essa competência linguística monodimensional cedeu espaço para uma competência geossociolinguística complexa que reflete a complexidade de cada falante e de cada comunidade linguística. Por isso, a noção de agrupamento, seja ele lexical ou fonético, torna-se uma resposta viável para dar conta da complexidade variacional.

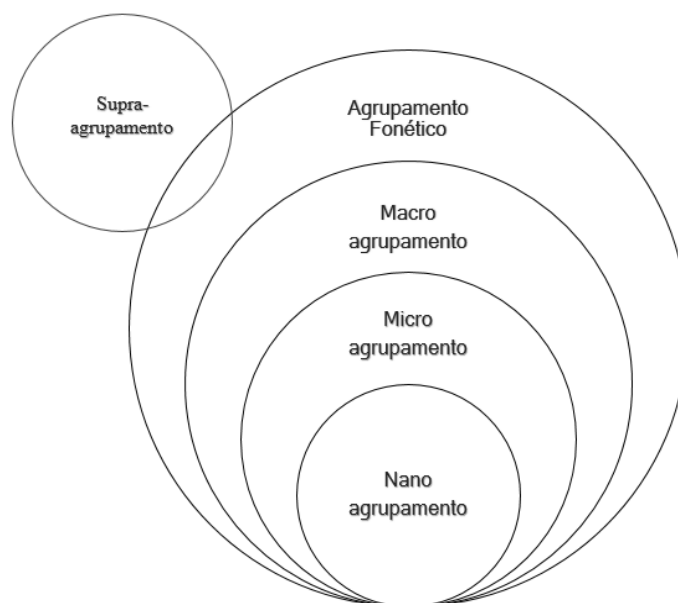
O conceito de agrupamento lexical vem acompanhando essa mudança em curso do léxico que, por sua vez, é fruto de uma mobilidade geográfica dos falantes e do acesso ao universo lexical do outro, através dos meios de comunicação. Além disso, o fluxo de interações verbais, fruto de redes de comunicações complexas, vem quebrando o paradigma de isolexias ou, pelo menos, o colocando dentro de um conceito do contínuo linguístico bem conhecido dos estudos sociolinguísticos. (RAZKY, 2013, p. 263)

A noção de agrupamento lexical, que se aplica também à variação fonética, deu aos estudos geossociolinguísticos uma compreensão maior acerca dos fenômenos

linguísticos, uma vez que “le concept de regroupement lexical répond ainsi à cette dynamique linguistique que d’autres chercheurs ont pu dégager dans le cadre d’une dialectologie pluridimensionnelle”² (RAZKY; GUEDES, 2015, p. 161). A noção de agrupamento está, aos poucos, substituindo o conceito de isoglossas, buscando preencher a lacuna teórico-metodológica no que concerne às mudanças sociais no Brasil que refletem diretamente em configurações diatópicas complexas e que necessitam de um olhar exploratório quanto à interpretação dos dados dialetais.

A utilização de agrupamentos, como mostra o *Gráfico 01*, permite delinear uma tipologia em *macroagrupamentos*, *microagrupamentos*, *nanoagrupamentos* e *supra-agrupamentos* (RAZY; TELLES; COIMBRA, 2019). *Macroagrupamento*, dentro de um atlas estadual, diz respeito a uma variante linguística presente em um conjunto de localidades pertencentes a mais de uma microrregião do estado; *microagrupamento* se refere à ocorrência de uma variante lexical ou fonética em um conjunto de localidades dentro de uma microrregião; um *nanoagrupamento* é a presença de uma variante em poucas localidades pertencentes a uma microrregião; e o *supra-agrupamento*, por sua vez, é uma manipulação do conjunto das variantes de uma localidade, selecionando apenas as variantes mais produtivas em cada uma delas.

Gráfico 01: Agrupamentos fonéticos



² “o conceito de agrupamento lexical responde assim a essa dinâmica linguística que outros pesquisadores conseguiram identificar no contexto de uma dialectologia pluridimensional”. (tradução nossa)

Essa tipologia é capaz de responder à complexidade da variação num dado espaço geográfico. Quando se aplica uma metodologia geossociolinguística, em que há uma estratificação social, obtém-se resultados mais complexos do que na aplicação de metodologias da Dialetoologia tradicional. Assim, ao invés de traçar isolexias ou isofonias, desenham-se linhas que se inter cruzam para mostrar contornos fonéticos ou lexicais com configurações diatópicas ou diastráticas mais complexas.

Desse modo, os estudos dialetais aprimoraram seu método de tratamento e análise de dados que partiram do aspecto monodimensional aplicado por Gilliéron e Edmont no ALF, na segunda metade do século XIX, avançaram, no final da segunda metade do século XX, para o aspecto pluridimensional estipulado por Radtke e Thun e, atualmente, a partir da noção de agrupamento teorizada por Razky, passou-se a conceber o espaço geográfico como parte do contínuo dialetal, analisando os espaços geográficos para além das divisas geopolíticas, colocando em evidência as configurações complexas em que uma determinada variante pode constituir dentro de um macro, micro ou nanoespaço.

1.2 Uma amostra de estudos dialetais sobre o /S/ em coda silábica na Região Norte

O interesse em estudar o comportamento do /S/ em coda silábica remete, no Brasil, desde o século XVI (MARINS; MARGOTTI, 2012). Historicamente, Silva Neto (1960) afirma que vieram, para o Brasil, o sistema fonológico de sibilantes pré-dorsais advindo dos portugueses provenientes da região sul de Portugal, a qual predominou, segundo o autor, no território nacional. Todavia, Silva Neto (1960) afirma que foram trazidas para o Brasil, além da sibilante pré-dorsal dos portugueses do sul de Portugal, outras quatro sibilantes – sendo duas sibilantes pré-dorsais e duas sibilantes apicais – de colonizadores advindos de outras áreas do território português, contudo as realizações apicais não predominaram no português falado no Brasil por ser eminentemente um fonema instável.

Assim como a realização das sibilantes, a realização das palatais também precede, na língua portuguesa, segundo Castro (2006), ao momento de colonização. Segundo o autor, o /S/ implosivo que ocorre em posição de coda silábica interna ou externa sofreu,

no século XVIII, um processo de palatalização iniciada no Sul de Portugal que, gradativamente, foi se estendendo para os dialetos do norte do país. Segundo Callou (2002), a palatalização do /S/ em coda silábica foi trazida para o Brasil somente no início do século XIX pela corte de Dom João VI.

Atualmente, os estudos no Brasil se voltam ora para a palatalização de /S/ em coda silábica, para sua aspiração (ou glotalização) ou para seu apagamento nesse contexto silábico. Na Região Norte brasileira, a qual é foco deste estudo, no que concerne o /S/ em coda silábica interna, tem-se discutido os processos de palatalização, manutenção e aspiração. Selecionaram-se os estudos de Carvalho (2000), Monteiro (2009) e Marins e Margotti (2012) para demonstrar os estudos sendo realizados na Região Norte acerca do fonema em análise, considerando que esses constituem uma amostra precisa, embora sintética, do português nortista.

Carvalho (2000) voltou seu estudo acerca do /S/ em posição de coda na fala de informantes de Belém. A autora identificou quatro realizações para o fonema em análise, a saber: fricativa alveolar [s, z], fricativa pós-alveolar [ʃ, ʒ], fricativa glotal [h] e zero fonético [∅]. Carvalho (2000) identificou a realização de pós-alveolares como sendo as mais produtivas na fala belenense, a qual é seguida, respectivamente, por fricativas alveolares [s, z], apagamento [∅] e fricativa glotal [h]. Dentre os fatores diastráticos controlados, a autora identificou que os informantes mais escolarizados realizaram em maior escala as variantes pós-alveolares, ao passo que os informantes menos escolarizados realizaram com mais frequência o apagamento e a fricativa glotal. No que concerne a variável sexo, a autora demonstrou que os homens realizaram predominantemente as quatro variantes levantadas, ao passo que as mulheres realizaram apenas as fricativas pós-alveolares e as fricativas alveolares. A variável diageracional demonstrou ser relevante também no estudo de Carvalho (2000), uma vez que a primeira faixa etária realizou mais as fricativas pós-alveolares, o apagamento e a fricativa glotal, enquanto que a segunda faixa etária realizou apenas as fricativas pós-alveolares; a terceira faixa etária obteve os maiores índices de fricativa glotal.

Monteiro (2009), por sua vez, analisou a realização do /S/ em coda silábica em Macapá. A autora identificou duas realizações para o fonema em análise na fala macapaense, quais sejam: fricativa alveolar [s] e fricativa pós-alveolar [ʃ]. Monteiro (2009) afirma que, em seu estudo, a variante fricativa pós-alveolar se mostrou

predominante no falar macapaense. Dentre os fatores diastráticos levantados, a autora aponta o fator diassexual como sendo um dos fatores que exercem influência no processo variacionista, tendo em vista que as mulheres obtiveram maiores índices de realização de fricativa pós-alveolar em relação aos homens. No que concerne o fator diageracional, a autora identificou a fricativa pós-alveolar em maior frequência na fala dos mais novos, ao passo que, na fala dos mais velhos, houve a inibição dessa variante, privilegiando a fricativa alveolar.

Por fim, Marins e Margotti (2012) analisaram a variação do /S/ em posição de coda silábica na fala de informantes de Manaus. Os autores identificaram três variantes para a variável em análise, a saber: fricativa alveolar [s], fricativa pós-alveolar [ʃ] e fricativa glotal [h]. Os dados analisados demonstraram que há a concorrência entre fricativa alveolar e fricativa pós-alveolar, ambas obtendo índices de frequência muito próximos. Dentre os fatores diastráticos controlados, Marins e Margotti (2012) identificaram o fator diassexual como sendo um fator que influencia na realização da variante de /S/ em coda silábica, uma vez que as informantes do sexo feminino apresentaram maior realização de fricativa pós-alveolar. Quanto ao fator diageracional, os autores observaram que os informantes mais jovens realizam a variante fricativa pós-alveolar mais frequentemente em relação aos informantes mais velhos. Por fim, no que concerne a escolaridade, os informantes mais escolarizados tendem a realizar com mais frequência a fricativa pós-alveolar, ao passo que os menos escolarizados realizam a fricativa alveolar mais recorrentemente.

2 Metodologia

O presente trabalho segue uma orientação geossociolinguística. Baseia-se em uma investigação *in loco* elaborada pela equipe do projeto ALiRO a partir de uma rede de pontos, uma amostra de informantes estratificados e um questionário fonético-fonológico. Os dados organizados em um banco de dados foram submetidos a uma análise geossocial conforme os aspectos metodológicos em seguida apresentados.

O *corpus* do ALiRO apresenta 62 informantes no total, dos quais 54 residem na zona rural do estado de Rondônia, os quais estão estratificados em sexo (dois homens e duas mulheres) e faixa etária (dois informantes de 18 a 30 anos e dois informantes de 50

a 65 anos). No caso de Porto Velho, capital, tem-se 8 informantes estratificados em sexo (quatro homens e quatro mulheres), faixa etária (quatro informantes de 18 a 30 anos e quatro informantes de 50 a 65 anos) e escolaridade (quatro informantes com ensino fundamental e quatro informantes com ensino superior).

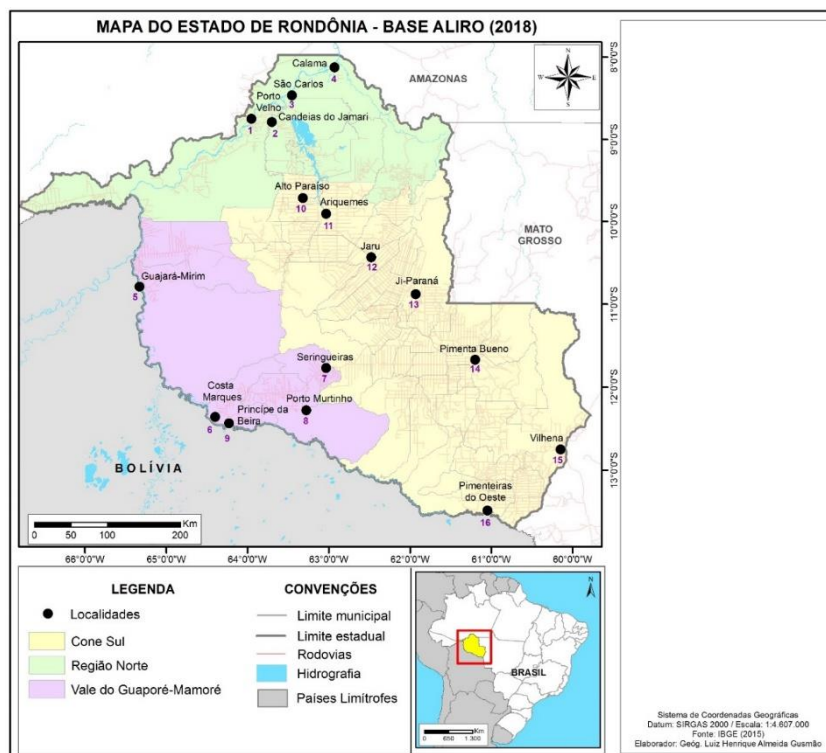
A rede de pontos do ALiRO apresenta 16 pontos de inquérito, como mostra o *Quadro 01*.

Quadro 01: Localidades investigadas

MICRORREGIÕES	NUMERAÇÃO	MUNICÍPIO
Norte	01	Porto Velho
	02	Candeias
	03	São Carlos
	04	Calama
Vale do Guaporé-Mamoré	05	Guajará-Mirim
	06	Costa Marques
	07	Seringueiras
	08	Porto Murtinho
	09	Forte Príncipe da Beira
Cone Sul	10	Alto Paraíso
	11	Ariquemes
	12	Jaru
	13	Ji-Paraná
	14	Pimenta Bueno
	15	Vilhena
	16	Pimenteiras

Essas localidades estão distribuídas pelo território rondoniense em três microrregiões, como mostra a *Figura 01*.

Figura 01: Carta base do ALiRO



Quanto à coleta de dados do ALIRO, utilizou-se o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), do qual se triou, para esta pesquisa, somente os itens que correspondem ao /S/ em coda silábica interna.

As respostas obtidas foram transcritas em planilhas estruturadas. A quantificação dos dados foi realizada com o auxílio do programa estatístico-computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para, em seguida, organizá-los em tabelas. O mapeamento linguístico foi realizado com o programa de edição de imagens bidimensionais *Adobe Photoshop CS6 Professional*.

Para a análise dos resultados obtidos de cada variável, dividiu-se da seguinte forma: a) *dimensão diatópica*, que foi subdividida em *macroagrupamento*, em que se analisou a variação linguística em toda a extensão do território rondoniense; b) *comparação dos dados*, em que se comparou os resultados do ALIRO com os demais atlas estaduais da Região Norte.

A comparação dos resultados se deu a partir da comparação da frequência global da variação linguística do /S/ em coda silábica interna a partir do *corpus* do ALIRO com a frequência global do mesmo aspecto fonético-fonológico nos quatro atlas linguísticos estaduais publicados da Região Norte, quais sejam: Atlas Linguístico do Amazonas

(ALAM), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA), Atlas Linguístico do Amapá (ALAP) e Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO).

3. Análise e comparação dos resultados sobre o /s/ em coda silábica interna e externa

Nesta seção, buscou-se analisar as realizações de /S/ em posição de coda silábica interna e externa, buscando verificar quais variantes predominam no falar de Rondônia. Desse modo, identificou-se duas variantes, a saber: fricativa alveolar [s] e fricativa palatal [ʃ].

Para se chegar aos resultados analisados nesta seção, analisou-se vinte e um itens lexicais para as realizações de /S/ em coda silábica interna e externa³. No total, foram analisados 1290 dados referentes ao /S/ em posição de coda silábica interna e externa. O *Quadro 02* abaixo exemplifica as ocorrências do referido aspecto fonético-fonológico.

Quadro 02: Realizações de /S/ em coda silábica interna e externa

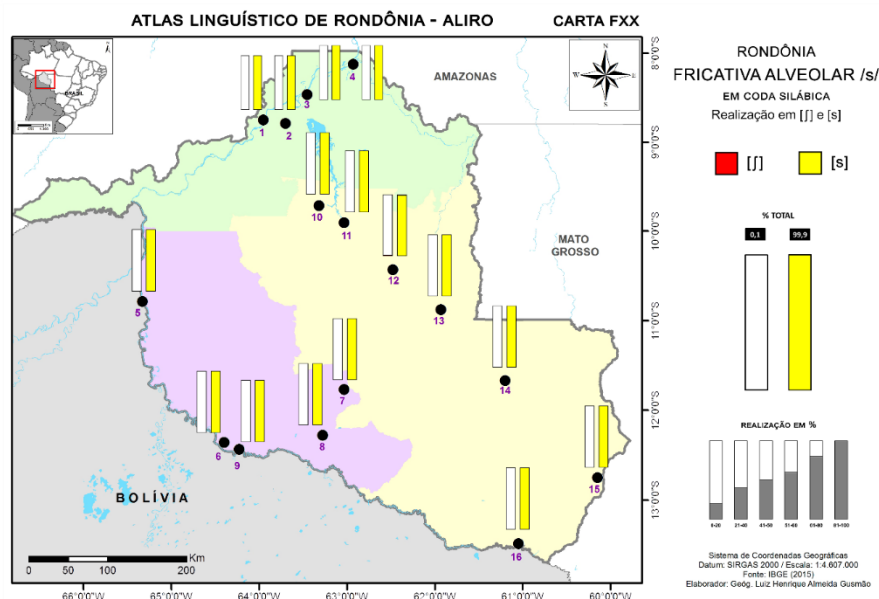
REALIZAÇÕES DE /S/ EM CODA SILÁBICA

Nº	ITEM	[s]	[ʃ]
009	Luz	[ˈlujs]	–
063	Três	[ˈtrejs]	–
120	Costas	[ˈkɔstɐ]	[ˈkɔʃtɐ]
124	Caspa	[ˈkaspɐ]	–
126	Desmaio	[dezˈmajɔ]	–

Em Rondônia, como mostra a *Figura 02*, houve ocorrências tanto da fricativa alveolar [s] quanto da fricativa palatal [ʃ]. No entanto, as realizações da variante fricativa alveolar foram semicategóricas, alcançando índices de frequência de 99,9%, ao passo que a variante fricativa palatal ocorreu apenas em 0,1% das ocorrências.

³ Os itens lexicais analisados foram (009) *Luz*, (015) *Fósforo*, (021) *Arroz*, (031) *Casca*, (063) *Três*, (064) *Dez*, (067) *Estrada*, (069) *Desvio*, (084) *Escola*, (086) *Giz*, (088) *Rasgar*, (102) *Questão*, (113) *Pescoço*, (120) *Costas*, (124) *Caspa*, (126) *Desmaio*, (137) *Voz*, (155) *Paz*, (156) *Mesma*, (157) *Hóspede* e (158) *Esquerdo*.

Figura 02: Carta diatópica do /S/ em coda silábica interna e externa (localidades)



Faz-se importante destacar que a ocorrência de fricativa palatal na fala de Rondônia ocorreu apenas no item *costas*, sendo realizado, portanto, como ['kɔʃtɐ]. Embora a ocorrência da fricativa palatal no item lexical *costas* possa ser explicado pelo processo de dissimilação⁴, os dados analisados para /S/ em posição de coda silábica interna e externa mostraram que o fator diatópico é mais forte que os condicionamentos fonológicos e, dessa forma, a não-palatalização ou *manutenção* de /S/, no estado de Rondônia, é um aspecto gramaticalizado no português falado no estado.

3.2 Comparação dos dados

Ao se fazer o levantamento nos atlas linguísticos da Região Norte acerca do /S/ em posição de coda silábica interna⁵, notou-se uma disparidade entre a variante fricativa

⁴ Hora e Monaretto (2003) e Henrique e Hora (2016) demonstraram que, na fala de João Pessoa, a predominância de realização é da fricativa alveolar [s], ocorrendo fricativa pós-alveolar [ʃ] apenas quando a consoante fricativa alveolar /s/ está diante das consoantes coronais /t, d, n/. Hora e Monaretto (2003) explicam esse fenômeno a partir do processo de dissimilação, isto é, a fricativa alveolar /s/ possui os traços [+coronal, +anterior], bem como as coronais /t, d, n/, desse modo, o fonema /s/ sofre dissimilação para um fonema articulatoriamente próximo e que não viole o molde silábico da língua portuguesa, realizando-se, portanto, como [ʃ], o qual possui também o traço [+coronal], porém difere-se de /s, t, d, n/ por possuir o traço [-anterior].

⁵ Optou-se por trabalhar somente com /S/ em coda silábica interna, pois, nos atlas linguísticos levantados para estabelecer a comparação com o ALiRO, o contexto de coda silábica interna se mostrou mais produtivo que o contexto de coda silábica externa, sendo, dessa forma, melhor descrito e

alveolar [s] e a variante fricativa palatal [ʃ] nos atlas estudados, uma vez que há predominância da fricativa alveolar em Rondônia (99,9%) e em Tocantins (74,3%), ao passo que a fricativa palatal [ʃ] foi mais frequente nos estados do Amapá (94%) e do Pará (69%), como mostra a *Tabela 01*.

Tabela 01: Variação de /S/ em coda silábica interna nos atlas linguísticos da Região Norte

	ALiRO	ALAM ⁶	ALiTTETO	ALiSPA ⁷	ALAP ⁸
Variantes	%	%	%	%	%
[s]	99,9	54,5	74,3	23	?
[ʃ]	0,1	45,5	14,6	69	94
[h]	0	0	9,4	3	?
[ø]	0	0	1,7	5	?

O *Gráfico 02* abaixo permite que os dados dos atlas estaduais da Região Norte sejam visualmente melhor comparados entre si, colocando em evidência a diferença de distribuição das variantes de /S/ em coda silábica interna entre os cinco estados nortistas analisados.

Gráfico 02: Variação de /S/ em coda silábica interna nos atlas linguísticos da Região Norte

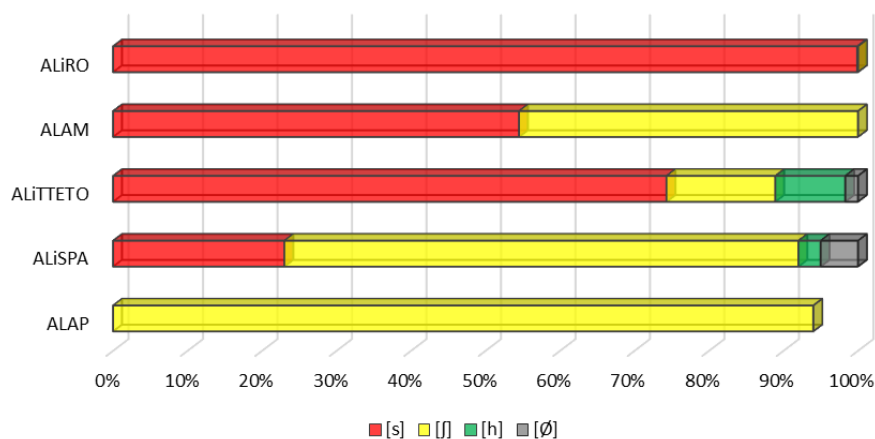
analisado pelos referidos atlas. Como em Rondônia não houve variação em ambos os contextos, a escolha por somente trabalhar com /S/ em coda silábica interna não prejudica a análise comparativa do ALiRO com os demais atlas.

⁶ A partir das porcentagens do trabalho de Maia, Martins e Cruz (2017), os quais apresentaram as porcentagens de ocorrência de fricativa alveolar e fricativa palatal por localidade do ALAM, pode-se realizar o cálculo de média aritmética para se obter os valores gerais aproximados, em porcentagem, de ambas as variantes, uma vez que os autores não disponibilizaram os percentuais gerais das referidas variantes.

⁷ Dados retirados de Carvalho (2000).

⁸ Razky, Ribeiro e Sanches (2017) trabalharam com a dicotomia ausência-presença de realização palatal [ʃ] em posição de coda silábica interna no ALAP. Os autores apresentam índices de 94% de presença de fricativa palatal, porém não especificam qual(is) variante(s) corresponde(m) aos 6% de ausência dessa variante.

VARIAÇÃO DE /S/ EM POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA INTERNA NOS
ATLAS LINGÜÍSTICOS DA REGIÃO NORTE

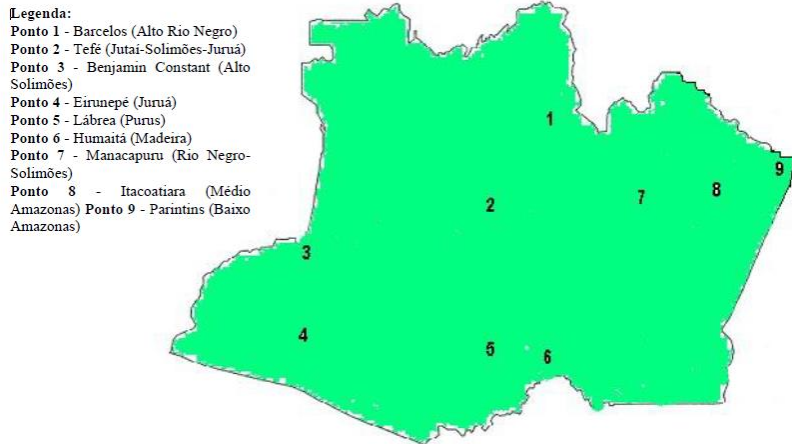


No caso do estado do Amazonas, embora se identifique maiores índices de frequência da fricativa alveolar (54,5%), a frequência de ocorrência de fricativa palatal alcançou, também, índices elevados (45,5%), demonstrando uma grande competitividade entre ambas as variantes dentro do referido estado.

Todavia, Cruz (2004), ao perceber as frequências relativamente próximas tanto da fricativa alveolar quanto da fricativa palatal, analisou a forma como essas variantes se distribuíram no território amazonense. Dessa forma, a autora chegou à conclusão de que, nas localidades Barcelos, Itacoatiara e Parintins, a fricativa palatal [ʃ] foi a que obteve maiores índices de frequência, ao passo que, nas localidades Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá e Manacapuru, a fricativa alveolar [s] apresentou maior ocorrência. A partir disso, a autora estabeleceu a hipótese de isófonas, na qual diz que os falares do Rio Negro e Amazonas tendem a utilizar mais a variante fricativa palatal, ao passo que os falares do Rio Negro e Solimões e afluentes tendem a utilizar a variante fricativa alveolar com mais frequência.

Partindo da hipótese de Cruz (2004), confirmada posteriormente por Maia (2012), percebe-se que em localidades mais próximas do Pará (Barcelos, Itacoatiara e Parintins), como mostra a *Figura 03*, tendem a utilizar a fricativa palatal, a qual possui maior frequência de realização no falar paraense, enquanto que a fricativa alveolar possui índices de realização em localidades mais próximas do estado de Rondônia (Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá e Manacapuru), no qual a realização da fricativa alveolar foi semicategórica.

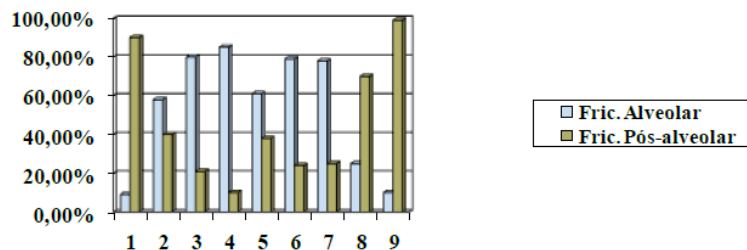
Figura 03: Pontos de inquéritos investigados pelo ALAM



Fonte: Martins (2006/2007)

Desse modo, o que se percebe é que, como mostra o *Gráfico 03*, em localidades próximas a Rondônia – principalmente 4-Eirunepé, 5-Lábrea e 6-Humaitá –, os índices de realização de fricativa alveolar foram muito altos, sendo 4-Eirunepé a localidade que apresentou maiores índices dessa variante.

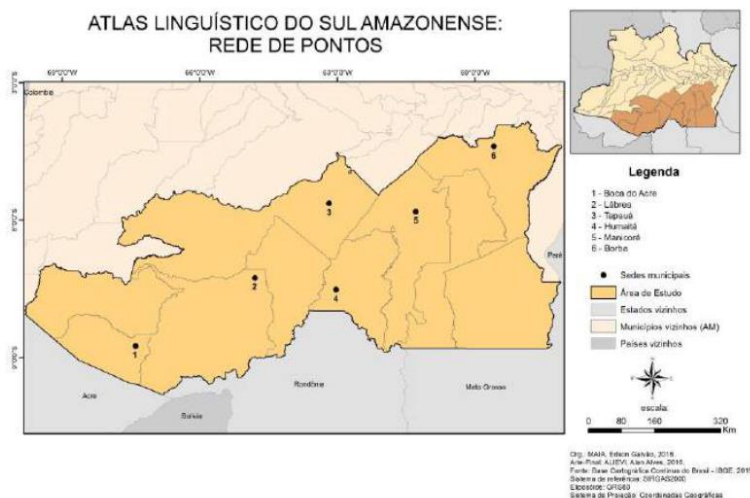
Gráfico 03: Variantes de /S/ em coda silábica interna por localidade do ALAM



Fonte: Cruz (2004)

Maia (2018) elaborou, como tese de doutorado, o Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM), no qual investigou cerca de 22 aspectos fonético-fonológico em 6 localidades concentradas na região sul do estado do Amazonas, a saber: 1-Boca do Acre, 2-Lábrea, 3-Tapuá, 4-Humaitá, 5-Manicoré e 6-Borba. Essa região amazonense selecionada para a elaboração do ALSAM estabelece fronteira com os estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso, como demonstra a *Figura 04*.

Figura 04: Rede de pontos do ALSAM



Fonte: Maia (2018)

Dentre os aspectos fonético-fonológicos investigados no ALSAM, destaca-se o /S/ em coda silábica interna, o qual corrobora, como mostra a *Tabela 02*, com as hipóteses de Cruz (2004) e Maia (2012), demonstrando que, no sul amazonense, a variante fricativa alveolar foi predominante em quatro das seis localidades investigadas, sendo as localidades mais próximas do território paraense (5-Manicoré e 6-Borba) as localidades em que houve maior incidência de fricativas palatais.

Tabela 02: /S/ em coda silábica no ALSAM

	[s,z]		[ʃ,ʒ]		[h, fi]		ø	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Boca do Acre	199/327	61	84/327	26	29/327	9	15/327	4
Lábrea	218/333	66	84/333	25	21/333	6	10/333	3
Tapauá	197/333	59	107/333	32	23/333	7	6/333	2
Humaitá	193/337	57	112/337	33	23/337	7	9/337	3
Manicoré	36/335	11	237/335	71	49/335	14	13/335	4
Borba	72/328	22	209/328	64	30/328	9	17/328	5
TOTAL	915/1993	46	833/1993	42	175/1993	9	70/1993	3

Fonte: Maia (2018)

Ressalta-se que as localidades mais próximas de Rondônia (2-Lábrea, 3-Tapauá e 4-Humaitá) foram localidades que apresentaram alta frequência de fricativa alveolar, sendo 2-Lábrea a localidade em que as ocorrências de fricativa alveolar foram maiores em relação às demais localidades, obtendo frequência de 66%.

Desse modo, é possível perceber um contínuo dialetal que se inicia no estado do Pará, perpassando o estado do Amazonas e alcançando, por fim, o estado de Rondônia,

demonstrando um declínio, nessa direção, de ocorrências de fricativa palatal [ʃ] conforme for se afastando do território paraense e uma ascensão de ocorrências de fricativa alveolar [s] conforme se aproxima do estado de Rondônia, no qual os índices de ocorrências de fricativa alveolar [s] alcançaram frequência de 99,9%.

Considerações finais

No que concerne ao /S/ em coda silábica interna, os índices semicategóricos de fricativa alveolar [s] impediram qualquer tipo de análise variacionista isolada no território rondoniense, demonstrando ser essa variante a mais proeminente no português falado no estado de Rondônia. Todavia, ao se comparar com os dados dos demais atlas linguísticos publicados da Região Norte, observa-se que há uma concorrência entre esses estados entre a fricativa alveolar [s] e a fricativa palatal [ʃ] quando realizadas em posição de coda silábica interna, tendo em vista que Rondônia, Tocantins e Amazonas tendem a utilizar mais a fricativa alveolar [s], enquanto que o Amapá e o Pará tendem a utilizar a fricativa palatal [ʃ] mais recorrentemente.

No entanto, os índices de frequência relativamente próximos de fricativa alveolar [s] e fricativa palatal [ʃ] no estado do Amazonas fez com que Cruz (2004) estipulasse hipótese de isófonas que foi atestada, posteriormente, por Maia (2012; 2018). Nesta pesquisa, partindo dessas isófonas amazonenses, notou-se que as localidades do Amazonas geograficamente mais próximas de Rondônia demonstraram altos índices de realização de fricativa alveolar [s], a qual teve frequência semicategórica na fala rondoniense. Ao passo que as localidades do Amazonas mais próximas do estado do Pará tendem a utilizar mais a fricativa palatal [ʃ], a qual foi mais recorrente na fala paraense. Esse aspecto diatópico põe em relevo um contínuo dialetal que demonstra a transição de frequência de uso de fricativa palatal [ʃ] para fricativa alveolar [s] conforme se parte do Pará, perpassando o Amazonas, chegando, por fim, em Rondônia, demonstrando, portanto, um contínuo dialetal que ultrapassa as barreiras geopolíticas.

Esses resultados desencadeiam a possibilidade de análise em agrupamentos fonéticos, tendo em vista que se considera, neste estudo, a aceção de isófonas como sendo menos adequada para retratar a heterogeneidade dos falares nortistas. Propõe-se, portanto, em um estudo posterior, a análise desse contínuo dialetal progressivo sob o

prisma de agrupamento fonético, analisando e cartografando esse contínuo a fim de pôr em evidência a heterogeneidade da variação do /S/ em posição de coda silábica interna.

REFERÊNCIAS

CALLOU, D. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n.41, p.29-48, jan.-jun. 2010.

CALLOU, D. Variação e distribuição da variante na fala urbana culta do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, D. **O linguajar carioca**: fatores histórico-sociais e demográficos. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

CAMPOY, J. M. H.. Dialectología Tradicional, Sociolingüística Laboviana y Geolingüística Trudgilliana: Tres Aproximaciones al Estudio de la Variación. **Estudios de Lingüística de la Universidad de Alicante**, p. 151-181, 1993.

CARDOSO, S. A. M. Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. In: **Revista Delta**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, vol. 17, 2001.

CARVALHO, R. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2000.

CATRO, I. Uma língua de “charneira”. In: Instituto Encarte, nº 89. **Suplemento do JL**, nº 909, Ano XXV. 2006.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**: Questionários 2001. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la Dialectología**. Universidade Autónoma de México. Ciudad Universitaria, México, D.F., 1982.

CRUZ, M. L. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

GUY, G.; ZILLER, A. **Sociolingüística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, D.; HENRIQUE, P. F. Estudo sobre a percepção da fricativa coronal pós-vocálica em João Pessoa. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 147-164, 2016.

HORA, D.; MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: Hora, D.; COLLISCHONN, G. (orgs.). **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: EDUFPB, 2003.

KURATH, H. et al. **Linguistic Atlas of New England (LANE)**. Brown University Press, vol. 3, 1939.

MAIA, E. G. **A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, UFAM, 2012.

MAIA, E. G. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2018.

MAIA, E.G.; MARTINS, F.; CRUZ, M. L. Reflexões sobre a variação do /S/ em coda silábica no falar amazonense: a hipótese de uma isófono. **SOCIODIALETO – NUPESDD/LALIMU**, v. 7, nº 20, 2017, p. 479-502.

MARINS, F.; MARGOTTI, F. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. **Revista Investigações**, vol. 25, nº 2, 2012, p. 249-274.

MARTINS, F. S. **A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant**. Relatório Técnico

Científico. Programa de Pesquisa e Pós-graduação. Departamento de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), UFAM: Manaus, 2006/2007.

MONTEIRO, R. **A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, 2009.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a Dialectologia no Brasil. In.: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A. **Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará**. Dans *Estudos Linguísticos e Literários*. n. 41, Salvador, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, UFBA, 2010.

RAZKY, A. (org.). **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. [CD-ROM]

RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci Andrade (orgs.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1998, p. 155-164.

RAZKY, A.; GUEDES, R. **Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA)**. In: CONTINI Michel e LAI Jean-Pierre. *La géographie linguistique au Brésil*. Geolinguistique. Grenoble: ELLUG, 2015, p.149-162.

RAZKY, A.; RIBEIRO C.; SANCHES, R. Atlas Linguístico do Amapá. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A.; TELLES, I. M.; COIMBRA, D. Agrupamentos fonéticos da vogal média anterior /e/ em posição pretônica no Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO). **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v.61, p. 1-19, 2019.

ROMANO, V. P.. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS. Campo Grande, v. 18, n. 35, 2014, p. 135-153.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X:** A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA NETO, S. 1960. **A língua portuguesa no Brasil.** Separata da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa. vol. XXV. Lisboa: Editorial Império.

SILVA, G. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALiTTETO).** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2018.

THUN, H. A Dialectologia pluridimensional no Rio da Prata. *In:* STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul.** Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.63-92.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX^e. Scèle. *In:* CONGRÈS INTERNACIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelas. Actes... **Vivacité et diversité de la variation linguistique.** Tübingen: Niemeyer, 2000, v. 3, p. 367-388.